

Como Deus chama?

FORMAÇÃO SOBRE O CATECISMO
ESCOLA MISSIONÁRIA

Encontro 13
Paróquia Senhor Bom Jesus, Colombo

Até agora, meditamos sobre os sacramentos que fazem um cristão e o alimentam no caminho da vida até o céu (Batismo, Crisma e Eucaristia), bem como aqueles que restaram o que somos (Reconciliação e Unção dos Enfermos). Os próximos encontros serão dedicados aos que constituem o cristão em um estado de vida (Ordem e Matrimônio). Todavia, antes é preciso meditar sobre algo anterior a esses dois, e que já está embutido nos demais: vocação.

1 FAÇA-SE A LUZ, FAÇAMOS O HUMANO

Ao pensar em criação, nós que estamos no século XXI, lembramos sem dificuldades de cenas que tentam retratar o *Big bang*. Outros, pensando na Sagrada Escritura, dizem que não houve qualquer explosão, mas que Deus fez o mundo em seis dias. Ora, a Bíblia não quer dizer verdades sobre Astronomia ou História Natural, e sim sobre Deus! Mais do que dizer que houve seis dias, ou quinze bilhões de anos, quer contar-nos sobre como isso tudo que existe se relaciona com o seu criador.

Notemos, antes de tudo, a primeira verdade com a qual temos contato: “Deus criou o céu e a terra no princípio”. Ora, Deus criou. Ele mesmo fez isso, e o que ele fez foi autêntica criação, ou seja, *do nada* fez haver *alguma coisa*. Tudo o que existe é obra dele e, sendo obra, é feito livremente. Se ele é o Altíssimo, que faz tudo o que quer, e conhece todas as coisas antes que existam, então tudo o que há foi criado “com amor e com desejo” (“*E io rispondo: lo credo in uno Dio / solo ed eterno, che tutto 'l ciel move, / non moto, con amore e con disio*”, Divina Comédia, canto XXIV). Quem “deu o pontapé inicial” do universo não fez isso “empurrando”, mas *atraindo* a si todas as coisas, desejando-as. O mesmo que falou “faça-se a luz” – e a luz se fez – também disse “façamos o humano à nossa imagem e semelhança” e diz a mim

“vive” e “Marcus, vem!”. A Palavra de Deus, que criou céu e terra, e que *me* criou, também me deseja. Quem me deu a vida também me quer, me ama. É um Deus apaixonado e que opera tudo não somente por arbítrio, mas por amor desejoso.

Ele me criou com sua Palavra e com sua Mão. Ele toca, envolve-se, sente-me e me permite senti-lo (mão). Mas também fala comigo, tem relação pessoal, quer meu ser como amigo (palavra). Eu recebi um chamado: a vida. Minha existência acontece por vocação e meu ser é bom porque foi feito por Deus, que amou e, amando, criou. Antes de mais nada, isso importa: sou imagem e semelhança de Deus, sou bom, muito bom, porque fui amado desde o início com amor eterno. O Todo-poderoso foi quem quis que eu estivesse aqui, não vagando, mas sendo atraído por ele visceralmente, e permitindo-se atrair por mim até suas entranhas de misericórdia.

2 SOPROU EM SUAS NARINAS

Após criar o ser humano, Deus ainda manifestou sua bondade de uma maneira ímpar: colocou-se a si mesmo dentro de sua obra. Soprou-lhe nas narinas e fez do ser humano um ser vivente.

Deus conferiu à humanidade um valor divino e, ao mesmo tempo, preencheu cada pessoa que vem ao mundo com um dom infinito: ele mesmo. Não somente colocou em nossos corações o desejo de Deus, como colocou a capacidade de recebê-lo e deu-se a si mesmo. Pôs em nosso coração a energia e a vontade de percorrer um caminho de vida que vem dele, e que está orientado para ele. Não somente origem, também é nosso destino. E essa é nossa fé, como já meditamos em encontros passados.

A imagem e semelhança de Deus, característica do ser humano unicamente, é a capacidade de amar e ser amado livremente. Apenas nós fomos desejados por Deus sem outro fim, mas por nós mesmos. E importa imensamente que ele tenha desejado tanto a humanidade, como um todo, quanto cada ser humano particular. Bem como tenha capacitado sido o ponto de partida da capacidade humana de buscar Deus. Também é seu ponto de

chegada, uma vez que essa potencialidade está voltada justamente para encontrar sua finalidade em Deus mesmo.

A experiência fundante com Deus, que é a própria criação e chamado à vida, contém em si o germen da realização completa do ser humano, que se realiza em uma história conjunta com Deus. Tendo colocado o ser humano no Éden, convida-o a cultivá-lo. Não somente um jardim físico, ou a criação material como um todo, mas o próprio coração humano é cultivado por meio da obra que cada pessoa realiza unida a Deus. Cada ato tem em si a potencialidade de operar, sim, externamente, mas também internamente, mudando o próprio sujeito que o pratica.

O fato de esta narrativa contar com a presença de apenas um ser humano tem dois sentidos que aparentam contrastantes, mas são complementares: esta vocação é individual, mas também envolve o ser humano em sua relação com toda a humanidade. De fato, não foi somente um indivíduo isolado, o sr. Adão. Ali está o ser humano, a humanidade toda. Ao mesmo tempo que cada um faz sua história com Deus, construindo-se a si mesmo, só o consegue a partir de um horizonte de possibilidade comunitário: Deus chama um povo.

3 ESCRITO COM O DEDO DE DEUS

Justamente na vocação deste povo, encontra-se outro evento fundante que elucida a vocação humana: a entrega da Lei. Após 50 dias de caminhada pelo deserto, o povo chega ao Sinai e tem uma experiência de contato imediato com Deus. Simultaneamente, cada um ouve sua voz e é interpelado a atender a seu chamado, mas todos ouvem juntos e são convocados em assembleia para constituir um povo em torno de seu Deus. Não há massificação e nem individualismo.

O sinal da Aliança constituída naquele monte é bastante concreto: duas tábuas de pedra escritas com o dedo de Deus. Elas contêm os termos da Aliança, ou seja, o modo como a realização da vocação humana fundamental se opera: os dez mandamentos. Antes de estipular um comportamento moral, o texto relembra que existe um fundamento primeiro: a relação com o Deus que

libertou do Egito, ou seja, garantiu a existência livre de cada um e do povo. E, de fato, não se trata de um moralismo, pois o primeiro mandamento é uma ação interna e externa, amar a Deus sobre todas as coisas. Não é a virtude humana, ou o mérito de suas obras que inserem na Aliança, ou seja, no caminho de realização que culmina no encontro com o próprio Deus (partindo dele – não esqueçamos que é ele quem se revela no Sinai). Entretanto, sim, há uma contraparte humana, que é expressa sempre na comunidade. Tanto na comunidade de culto – pois o sábado deve ser santificado – quanto na comunidade de vida, uma vez que todos os mandamentos se referem à vida coletiva. O ato que estabeleceu a dignidade de cada hebreu também o constituiu como parte e membro de um povo que não organizou ou deu origem a si mesmo, mas que recebeu sua existência e princípio do próprio Deus. Há uma profunda vinculação entre a realização de cada pessoa, sua participação e integração no povo e sua origem e destino divinos. As três coisas são inseparáveis.

4 SUA VONTADE É NOSSA ALEGRIA

O fato de a Lei terminar sem a entrada do povo na terra prometida não é casual. Lembremos que o Pentateuco não é apenas um conjunto de livros. Assim como o Evangelho é o centro do Novo Testamento (e de toda a Escritura), assim também a Torá (= Lei, Pentateuco) é o centro da Aliança com Israel.

Cada hebreu que a lesse se colocaria no mesmo caminho de seu povo. Ele também precisaria atravessar o deserto para encontrar-se com Deus na terra prometida. Ele também toma consciência de sua origem divina, de sua vocação particular no Sinai e de seu destino bem-aventurado.

O indivíduo não é mais apenas indivíduo. Essa palavra tem uma conotação isolada, significa “indivisível”. É mais que isso: é pessoa. Tem uma relação com Deus, com origem e como destino, mas essa relação se dá na vida de um povo, junto com outras pessoas que ouvem a mesma voz, e seguem-na, tanto individual quanto coletivamente.

Essa teologia não é apenas veterotestamentária. Quando dizemos que Jesus é a Palavra que se fez carne, também dizemos que ele é a própria encarnação da Lei. E envia o Espírito Santo para que a Lei seja inscrita nos nossos corações, não mais em tábuas de pedra. Aliás, esse sentido é conferido à mulher adúltera em Jo 8. O dedo de Deus novamente escreve, mas na areia, para significar que, se aquilo permanece, é apenas porque é obra de Deus. Também cada um de nós, cristão, ou seja, conformado a Jesus Cristo, incorporado a ele, recebemos a mesma Lei. Não como um conjunto de preceitos a serem observados cegamente, mas como uma proposta de vida que parte de Deus, baseia-se na força de Deus (é o Espírito quem justifica, não a observância) e encontra seu termo na terra prometida, que é o próprio Deus.

De fato, não é à toa que o derramamento do Espírito seja no mesmo dia e tenha o mesmo nome que a festa do Dom da Lei, o Pentecostes, que também era festa judaica e, agora, ganha novo sentido no cristianismo.

5 O QUE RECEBI, EU ANUNCIO

A plena realização no Novo Testamento daquilo que, no Antigo, era figura, ganha um acento profundamente missionário. Quem recebeu o Espírito, torna-se ele mesmo fonte de água viva que jorra para a vida eterna. Os apóstolos, tão logo tenham sido repletos pela Força do Alto, abrem portas e janelas do lugar em que estavam trancados, e colocam-se a anunciar o cumprimento de todas as profecias em Jesus Cristo.

Trata-se de mais um dos paradoxos cristãos: quem faz pouco caso de sua vida, a encontra, mas quem tenta salvá-la, perde-a. Foi justamente ali, no momento em que venceram o medo da morte e puseram-se em risco para que outros tivessem acesso à mesma graça suprema, que encontraram a verdade e o sentido de suas vidas. Aquilo que estivera apenas na esperança, com o Ressuscitado, torna-se realidade viva, por meio da comunicação, ou seja, da doação do dom recebido.

Como Paulo, na carta aos Filipenses, percebemos que nada importa a não ser o anúncio do Cristo, pois é nele que a vida se manifesta plenamente. Não se trata de um aniquilamento do mundo, pois é justamente esse mundo

que Deus quer salvar. Mas uma mudança de parâmetros de avaliação da realidade: tudo é bom com Deus, e bom é Deus por si, não precisando de mais nada. Na carta escrita da prisão, não somente consola, como também exorta à alegria, pois tudo o que passamos – mesmo as cruces, e, sobretudo elas – é modo de operação da salvação de Deus, nossa e do mundo inteiro. Salvando, somos salvos. Ou, para ser mais preciso, sendo instrumentos de salvação, recebemos aquilo de que somos ponte.

A partir daqui, podemos entender a vocação como operação missionária. Trata-se de um equilíbrio formidável entre o *eu* e o *tu*, formando um nós. Eu me encontro justamente quando, por Deus, encontro o outro. Minha realização está na missão. Não pelas coisas que faço, mas porque sou amado amando. E porque fui feito para amar. Mais do que as coisas que fazemos, importa que vivamos o amor, que não é abstrato, mas concreto, estando presente justamente nas ações de cada pessoa.

Buscar viver a vocação, portanto, é mais do que escolher o que fará, e sim viver o amor do único modo como me é possível: como eu mesmo.

Eis aí a diferença entre vocação e profissão. Mais do que a escolha, trata-se da vinculação pessoal. Um padre pode ter várias profissões: pároco, vigário, formador, diretor espiritual, professor. Também um pai pode ser professor, coletor de lixo, médico, pedreiro, ou o que seja. Mas o pai continua pai, e vincula-se ao filho para sempre, como a esposa sempre é esposa e se vincula ao marido de toda a vida. Podemos amar o que fazemos, mas esse amor não pode passar daquele que dedicamos às pessoas para as quais nos doamos. Um grande pai é muito mais que um grande diplomata, mesmo que esses dois sejam a mesma pessoa.

6 ALFA E ÔMEGA

Na história, então, tanto pessoal quanto popular, três momentos se mostram um só: o início de tudo, a consciência vocacional e o fim alcançado. Minha criação, meu batismo e minha salvação. A criação do mundo, sua restauração em Jesus Cristo e sua consumação na glória de Deus.

Em outras palavras, a batalha já está vencida, o jogo está ganho e a vida está plena. Mas é preciso caminhar, pois o palco dessa realização é a história, que ganha, então, uma roupagem muito mais bonita. Não somos pessimistas, nem derrotistas, porque não vemos o tempo como o cenário no qual tudo piora. Nem tampouco somos otimistas ingênuos, acreditando que a humanidade não possa retroceder à barbárie (aqueles que se consideraram a suprema realização da humanidade foram os mesmos que fizeram o holocausto!). Mas sabemos que a caminhada para Deus é meio certo de realização plena, não em virtude das obras, mas pela força do amor recebido e doado.

7 PARA VOCÊ REZAR

Antes do próximo encontro, ache um tempo e lugar adequados. Lugar silencioso, tempo de 20 minutos, pelo menos.

Sente-se. Feche os olhos, acalme-se.

Perdoe (ou faça o propósito de perdoar, se ainda não conseguir) e peça perdão. Encontre em sua Bíblia o texto **Jr 1, 4-10**.

Peça ao Espírito Santo que lhe ilumine. Converse com ele por alguns segundos, colocando-se na presença de Deus.

Leia o texto calmamente 3 vezes. Depois, escolha uma frase ou ideia (que pode estar escrita ao pé da letra no texto, mas também pode ser um “fio” que perpassa o texto todo). Repita esta frase ou ideia várias vezes, tantas quantas forem necessárias, deixando que penetre em seu coração, e aprofundando-se nela o quanto possível, tanto com sua inteligência, quanto com seu amor.

Então, deixe que seu coração fale com Deus, impregnado por essa verdade que o Espírito Santo lhe comunicou.

Por fim, gaste um tempo apenas amando Deus, e olhando para o mundo que Deus fez, mas agora com o olhar mudado pelo contato com a Palavra.

Se quiser, anote algo, e faça um propósito para a semana.